

## CRIOCOCOSE NEUROLÓGICA FELINA

Caroline Mapurunga TAVARES<sup>1</sup>; Ana Beatriz Eucarista Melo NOGUEIRA<sup>1</sup>; Luan Sousa TAVARES<sup>1</sup>; Maria Julia Cortez de Brito ALMEIDA<sup>1</sup>; Sarah Maria Lima BEZERRA<sup>1</sup>; Raquel Estefany Silva da COSTA<sup>1</sup>; Valfriso Rodrigues ALBUQUERQUE JÚNIOR<sup>2</sup>.

**Palavras-chave: Anfotericina B; Meningoencefalite; Micose.**

A criptococose é uma infecção fúngica causada pelo agente *Cryptococcus spp.*, que pode apresentar quadros respiratórios, cutâneos, oculares e neurológicos. O presente trabalho tem como objetivo reunir as principais informações sobre a forma neurológica da criptococose. A pesquisa feita utilizou guidelines, relatos de caso e artigos de revistas de medicina veterinária, em inglês e português, presentes nas bases de dados Scielo, PubVet e Google Scholar. A espécie *C. neoformans* é a mais relacionada com sintomas neurológicos. O fungo está presente em ambientes com boa fonte de nitrogênio, em especial, fezes de aves, onde se destaca o pombo, além de outros materiais orgânicos em decomposição. A transmissão ocorre pela inalação de leveduras, que podem ficar latentes nos alvéolos respiratórios até iniciar um quadro agudo, e chegam ao sistema nervoso central por via hematogênica. O patógeno se aproveita do comprometimento do sistema imunológico para se disseminar no organismo, sendo favorecido em animais positivos para FIV ou FeLV. No SNC o fungo acarreta a inflamação das meninges e da massa encefálica, desencadeando sinais neurológicos como ataxia, convulsões, déficit proprioceptivo e síncope. Outro achado neurológico é a presença de massas acinzentadas, gelatinosas e friáveis no encéfalo, cerebelo e medula espinhal, vistas em avaliação *post-mortem*. Como a porta de entrada do agente é o sistema respiratório, sinais como coriza e espirros podem estar presentes, além de edema no plano nasal com possíveis lesões ulceradas, popularmente conhecidas como nariz de palhaço. Embora o homem esteja suscetível a essa doença, não há relatos de transmissão por meio do felino, sendo considerado um sentinela. O diagnóstico é feito por citologia, PCR ou cultura fúngica com ágar sabouraud, observando as leveduras encapsuladas em amostras de líquido cefalorraquidiano, lavado broncoalveolar ou swab de exsudato, além de análise histopatológica das lesões nasais. As alterações em hemograma e bioquímico são inespecíficas. O tratamento é eficaz, porém, demorado, podendo chegar a um ano, por isso a colaboração do tutor para realizar a administração medicamentosa e as avaliações subsequentes necessárias é importante para a cura clínica. A anfotericina B é um potente antifúngico de ação fungicida com boa distribuição no SNC, devendo ser usada na dose 4 - 8 mg/kg por via intravenosa, porém é contraindicada em pacientes renais. A terapia combinada com fluconazol costuma ter resultados favoráveis, podendo ser usada como monoterapia em casos de contraindicação de anfotericina B, sendo a melhor opção do grupo dos azóis. Corticoides podem ser administrados para diminuir os sinais clínicos inflamatórios, como a dexametasona. O prognóstico da manifestação neurológica é reservado, especialmente se houver alterações no estado de consciência do animal, e o diagnóstico e tratamento precoce são fatores que interferem diretamente. Felinos de vida livre são mais suscetíveis a infecção, além dos que vivem em ambientes urbanos com muitos dejetos de aves. Como conclusão, tem-se que o quadro neurológico pode ser considerado a manifestação mais agressiva da criptococose, sendo necessário terapia medicamentosa direcionada para o sistema nervoso central para conseguir êxito no tratamento.

<sup>1</sup>Graduando do Curso de Medicina Veterinária, Universidade de Fortaleza. Email para correspondência: [carolinemapurungac2@gmail.com](mailto:carolinemapurungac2@gmail.com).

<sup>2</sup>Médico Veterinário.

## Referências Bibliográficas:

ABCD (Advisory Board on Cat Diseases). *Guideline for cryptococcosis in cats*. Disponível em: <https://www.abcdcatsvets.org/guideline-for-cryptococcosis-in-cats/>. Acesso em: 10 mar. 2026.

GNOATTO, Fabíola Wenning; TEICHMANN, Cristiane Elise; SILVA, Tanara Raquel de Oliveira da; ULSENHEIMER, Bruna Carolina; WILGES, Carlos Henrique de Mello; NICOLA, Carolina Ferrazza. **Criptococose em felino: relato de caso**. PUBVET, v. 18, n. 4, e1575, p. 1–5, 2024. DOI: <https://doi.org/10.31533/pubvet.v18n04e1575>

MELO, Thaise Pinto de. *Meta-analysis and cross-validation studies of QTLs associated with reproductive traits in tropical beef cattle*. 2018. Tese (Doutorado em Genética e Melhoramento Animal) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, Jaboticabal, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/aec01e20-ce24-495e-8e79-ccf5375cfac7>. Acesso em: 10 mar. 2026.

SOUZA, Ana Beatriz de. *Neurocriptococose felina: relato de caso*. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Medicina Veterinária) – Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Curitibanos, Curitibanos, 2025. Disponível em: [https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/267138/TCC%20\(2\).pdf?sequence=1](https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/267138/TCC%20(2).pdf?sequence=1). Acesso em: 10 mar. 2026.

<sup>1</sup>Graduando do Curso de Medicina Veterinária, Universidade de Fortaleza. Email para correspondência: [carolinemapurungac2@gmail.com](mailto:carolinemapurungac2@gmail.com).

<sup>2</sup>Médico Veterinário.